

Alta da inflação é maior risco ao Brasil com guerra no Irã, dizem analistas

Especialistas veem possíveis benefícios, como ganho de receita com petróleo

Por **Lucianne Carneiro, Alessandra Saraiva, Paula Martini, Rafael Rosas e Anaís Fernandes** — Do Rio e de São Paulo

03/03/2026 05h01 - Atualizado há 2 horas

A alta da inflação é o principal risco que a guerra entre Estados Unidos e Irã pode trazer para a economia brasileira. Economistas ouvidos pelo **Valor** ponderam que há efeitos positivos possíveis, como a maior demanda por commodities e o benefício da receita com petróleo para as contas públicas, caso os preços do óleo subam, mas o eventual prolongamento do conflito pode pressionar a inflação global, afetar o ambiente doméstico e tornar mais incerto o ritmo de queda da taxa básica de juros no Brasil.

O sócio e economista-sênior da Tendências Consultoria, Silvio Campos Neto, afirma que, se o preço do barril de petróleo do tipo do Brent permanecer em US\$ 80 até o fim do ano, o efeito no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) pode ser de até 0,3 ponto percentual em 2026. Na segunda-feira (2), o Brent subiu 6,68% na Bolsa de Londres, para US\$ 77,74 o barril.

“O principal canal de transmissão da guerra na economia é pelo preço do petróleo. Tudo vai depender de quanto vai perdurar a alta que estamos vendo agora e se vai subir mais. A princípio, caso o preço fique em US\$ 80 até o fim do ano, tem um efeito inflacionário e estimamos um impacto de 0,2 a 0,3 ponto percentual”, afirma Campos Neto. No momento, a projeção da Tendências para a inflação brasileira em 2026 é de 4,1%. “De alguma forma, a gente consegue incorporar uma parte. De todo jeito ainda há muita incerteza sobre o conflito e é preciso cautela em qualquer análise”, diz.

Na avaliação dele, o que está claro é um ambiente de maior aversão ao risco, com aumento na busca por ativos mais seguros como dólar e ouro, pressionando preços para cima. Neste contexto, “o período mais benéfico para o Brasil fica em suspenso”.

“No fundo, quebra pelo menos um pouco aquela dinâmica positiva para ativos de emergentes que vemos desde o início do ano. O Brasil foi muito beneficiado pela diversificação de capitais internacionais para ativos, especialmente de países emergentes. Nossa bolsa surfou muito nessa onda e a própria taxa de câmbio atingiu níveis mais baixos”, afirma.

O J.P. Morgan avalia que, apesar de o Brasil estar longe do epicentro do conflito, a forte alta dos preços do petróleo pode afetar significativamente as perspectivas econômicas do país. Em relatório, os economista Vinicius Moreira, Cassiana Fernandez e Mirella Sampaio estimam que cada 10% de aumento no preço do petróleo eleva o PIB do Brasil em 0,1 ponto percentual (p.p.), impacta a inflação (IPCA) em 0,2 p.p. e reduz os déficits fiscais e em conta corrente em, respectivamente, 0,2% do PIB e 0,1% do PIB.

“A crescente importância do setor energético na última década significa que o país agora exporta cerca de 1,3% do PIB em petróleo bruto e derivados, e as contas fiscais tendem a se beneficiar por meio de impostos mais altos e dividendos de empresas estatais”, escrevem os economistas.

No entanto, dizem, se os preços internacionais do petróleo forem totalmente repassados internamente, o preço da gasolina nos postos de combustível aumentaria em cerca de um terço do avanço internacional, devido à alta carga tributária e a outros custos que compõem o preço de varejo. “A compressão da renda real afetaria o consumo, embora, no geral, ainda estimemos um efeito ligeiramente positivo sobre o PIB.” Desde o último realinhamento entre os preços domésticos e internacionais dos combustíveis, em janeiro, os preços globais do petróleo subiram cerca de 20%, segundo o J.P. Morgan. “Em um cenário mais severo, nossa pesquisa sobre commodities estima que o petróleo pode ultrapassar US\$ 100 por barril”, afirmam os economistas.

Economistas da Fundação Getulio Vargas também veem o avanço da inflação global como um dos maiores perigos para a economia brasileira. Para Aloisio Campelo Junior, pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV/Ibre), efeitos da guerra na economia brasileira podem ocorrer caso o conflito se estenda muito. E esses podem ser tanto positivos, quanto negativos.

Ele pondera que, por um lado, a receita originada do **petróleo brasileiro** pode ser impulsionada pela maior demanda pela commodity do país. O fornecimento global poderá ser afetado caso o Irã consiga manter o Estreito de Ormuz fechado, impedindo a passagem da produção de óleo do Golfo Pérsico. Por ali passa cerca de um quinto do petróleo consumido no mundo.

“

Principal canal de transmissão da guerra na economia é o preço do petróleo”

— Silvio Campos Neto

Mas Campelo Junior afirma que o fechamento do estreito por longo período tem potencial de elevar inflação em escala global. “Se prolongar muito vai ter algum impacto, principalmente, primeiramente e mais intensamente segmentos que têm mais relação com o comércio exterior, como a indústria.”

Para Lia Valls, pesquisadora associada ao FGV Ibre, a possibilidade de conflito prolongado é “prejudicial para o mundo inteiro”. A economista, que coordena o Indicador de Comércio Exterior (Icomex), comentou que, inicialmente, a situação pode conduzir a um aumento nos preços globais do petróleo, o que pode parecer positivo para o Brasil, que é produtor. No entanto, lembrou, o país também importa combustíveis, derivados de petróleo. Isso, na prática, levaria a um efeito inflacionário, no país, alertou. “E outra coisa, nós exportamos para o Oriente Médio”, acrescenta. A especialista não descarta o possível impacto no comércio exterior brasileiro caso o conflito se intensifique.

A balança comercial com o Irã é favorável ao Brasil. No ano passado, o Brasil exportou US\$ 2,9 bilhões para o Irã, com importações de US\$ 84,5 milhões originadas daquele país.

Para Welber Barral, sócio da BMJ e ex-secretário de Comércio Exterior, também cita o fechamento do Estreito de Ormuz como o ponto mais sensível do conflito para a economia global. Segundo ele, episódios anteriores de tensão entre Irã e Israel foram “relativamente pontuais” e não se prolongaram, o que evitou efeitos mais amplos. “Já houve eventos parecidos que não chegam a ter efeito relevante porque foram de curto prazo”, observa. “Pelo tanto de navios que passam ali, qualquer bloqueio ou ameaça pode causar efeitos globais, principalmente em frete e seguro”, acrescenta.

Barral ressalta que pode haver um efeito “extremamente negativo” no comércio internacional devido ao aumento de custos. “Primeiro do petróleo, depois de seguros e de fretes”, afirma.

Nesse sentido, ele avalia que o reflexo para o Brasil seria direto. Como o país é grande exportador de commodities agrícolas e minerais, que envolvem cargas pesadas e longas distâncias, o aumento de custo do transporte marítimo pode reduzir margens de lucratividade e pressionar o setor externo.

Além do comércio, o especialista alerta para os efeitos sobre o investimento. Ele lembra que fundos soberanos de países do Oriente Médio têm participação relevante no Brasil. Em um cenário de conflito prolongado, empresas e investidores tendem a ampliar análises de risco antes de novos aportes, o que pode retardar decisões e paralisar projetos. “Toda insegurança e instabilidade atrapalham o investimento internacional”, afirma, lembrando que a dimensão do impacto dependerá da duração e da intensidade do conflito.

O economista-chefe da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Jonathas Goulart, também vê o investimento como um possível impacto negativo do conflito para o Brasil, dadas as incertezas geradas pela guerra. “É certo que vai gerar bastante incerteza no mundo. Não sabemos as decisões que a Opep vai tomar, por exemplo. A incerteza é o grande problema.”

Um efeito sobre a economia brasileira, diz Goulart, é que o Banco Central pode “pensar duas vezes” antes de começar a reduzir a taxa de juros. A Selic está em 15% ao ano desde junho do ano passado e o economista pondera que, embora a inflação neste início do ano esteja comportada, as incertezas sobre a cotação do petróleo sobre os preços da energia e dos combustíveis podem levar a autoridade monetária a esperar antes de iniciar a queda da taxa.

Além disso, afirma, o ciclo de queda da Selic pode demorar mais tempo até chegar ao fim. “Um cenário de guerra sempre é um cenário pior do que um cenário de paz”, afirma. “No cenário de incerteza, o que todo mundo tende a fazer é ser um pouco mais cauteloso.”